

LEITURA E IDEOLOGIA: PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS SUJEITOS E DOS SENTIDOS

Fernanda Surubi Fernandes¹ (UEG)

Resumo

Este estudo visou a discutir as diferentes materialidades significantes de acordo com o projeto de Extensão: *Grupo de Estudos: Leitura e Ideologia*, realizado na Universidade Estadual de Goiás – UEG, no Campus de São Miguel do Araguaia (2015). O projeto desenvolve reflexões teóricas e produções científicas que possibilita ao sujeito a compreensão dos modos de funcionamento da língua e do discurso, isso permite compreender como a ideologia interpela o indivíduo em sujeito. Assim, este trabalho teve como objetivo analisar os processos de leitura e ideologia presentes no filme *V de Vingança*. Para tanto, recortou-se duas cenas: a primeira retrata a fala do personagem principal incitando o povo à resistência; a segunda trata-se da leitura da Carta de Valerie, num momento de opressão e tortura. Para compreender os modos de produção dos sentidos recortamos além do verbal, as imagens das cenas em questão visando a imbricação material na produção dos efeitos de sentido, e tomamos como fundamentação teórica a Análise de Discurso com base em Michel Pêcheux (2009) e Eni Orlandi (2012). O trabalho permitiu, portanto, compreender a leitura como produção, são nas condições de produção, da relação dos sujeitos e sentidos que se realiza, ou seja, é efeito entre os interlocutores. Assim, tanto na fala de V quanto na carta de Valerie temos um processo de identificação em que sujeitos e sentidos se constituem nessa relação. Enfim, toda a constituição da produção cinematográfica contribuiu para essa interpelação em sujeito, pois na imbricação entre diferentes materialidades os sentidos foram constituídos permitindo que o deslize, a ruptura se produzam através da resistência do sujeito leitor com o sujeito autor, que se significaram e produziram seus efeitos, através da imbricação material, (re) significada na relação sujeito, história e ideologia.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Autor. Leitor. Ideologia.

Introdução

Ao realizarmos estudos sobre a linguagem, compreendemos o quanto esta serve para comunicar e para não comunicar, ou seja, os modos de produção de sentidos perpassam por condições histórico-ideológicas que permitem que sentidos sejam silenciados enquanto outros são postos em funcionamento. Assim, compreender esse processo de produção é parte essencial de um analista de discurso. Essa compreensão serve, não apenas para quem trabalha com a teoria da Análise de Discurso como também para qualquer um que se interesse pela linguagem em suas mais variadas formas.

Este estudo ocorre devido a compreensão de que a leitura é um tema constantemente debatido em várias perspectivas, primeiramente a própria definição de leitura corrobora para isso, pois são várias as definições que ela tem e teve durante um processo histórico. Para este estudo, toma-se a leitura pelo viés da Análise de discurso de linha francesa. Tomar essa teoria implica compreender o discurso enquanto “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, p.21, 2007). A Análise de Discurso nos ensina que o efeito de sentido não é determinado pelo sujeito que diz, mas pelas condições de produção – que compreendem os sujeitos e a situação – que determinam a produção dos sujeitos e dos sentidos. Nesse caso, o sujeito da Análise de Discurso não é o sujeito empírico, mas sim uma posição-sujeito, tomada de acordo com as condições de produção e as formações discursivas em que se insere o dizer.

Assim, para Orlandi (2009) a leitura é produzida, é discurso, ou seja, é efeito de sentido. É no momento da leitura que o outro se torna autor: “A leitura é o momento crítico da constituição do texto, é o momento privilegiado da interação, aquele em que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao se constituírem como tais, desencadeiam o processo de significação do texto”. (ORLANDI, 2009, p. 186).

Nessa relação, o que se busca na leitura, na compreensão de um texto é verificar como este significa, como ele produz sentidos dos/para os sujeitos no dia a dia. Para Orlandi (2009), compreende-se nesse viés a língua como incompleta, pois qualquer discurso possui a multiplicidade de sentidos possíveis. Pois, possibilita ao sujeito a compreensão dos modos de funcionamento da língua e do discurso, permitindo compreender como a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e através dessa condição os sentidos e os sujeitos são constituídos mutuamente, pois, na Análise de Discurso o sentido é efeito, é sempre relação a.

Desse modo, para compreender o processo de leitura e ideologia selecionamos o filme *V de Vingança* (2006), pois com base no projeto de extensão: *Grupo de Estudos: Leitura e Ideologia* em desenvolvimento na Universidade Estadual de Goiás – UEG/Campus São Miguel do Araguaia, com o objetivo de produzir reflexões teóricas a respeito da linguagem por meio da Análise de Discurso de linha materialista, através da análise de diferentes materialidades significantes que (re) significam a leitura e a ideologia na produção dos sentidos., que visa a trabalhar com diferentes materialidades (LAGAZZI, 2009), na imbricação material entre o verbal e não. Pois, através do filme *V de Vingança*, propõe-se analisar como a ideologia atravessa esses modos de produzir sentidos, aos diferentes modos de realizar a leitura. Em que relação a leitura se constitui atravessada pela ideologia, produzindo efeitos de evidência, e também de que modo possibilita a produção de outros sentidos?

Segundo Orlandi (2007, p. 66): “O processo ideológico não se liga à falta, mas ao excesso”. É nessa relação que alguns sentidos sofrem um apagamento, pois não se leva em consideração todo o processo histórico e assim o excesso diz respeito a todo um dizer já cristalizado pela ideologia que vai assim, produzir o efeito da evidência. É dessa forma que a leitura tomada como interpretação¹ ocorre, é o excesso que liga ao senso comum, sendo tomados por sentidos já preexistentes. Possibilitando que se produza um sentido apenas, pois os outros são silenciados.

1 Sujeito e ideologia: a imbricação material

Na Análise de Discurso o discurso trabalha com “[...] as formas materiais (linguístico-histórica), formas linguísticas encarnadas no mundo, significando os sentidos e os sujeitos e significando-se pelos sujeitos que as praticam”. (ORLANDI, 2005, p. 63), ou seja, é na

¹ A interpretação e a compreensão na Análise de Discurso possuem diferentes definições: na interpretação temos a produção dos sentidos, atravessados por uma ideologia; enquanto na compreensão o que importa é o processo, ou seja, como o sentido é construído, sendo este o trabalho do analista.

materialidade do texto que os sentidos são constituídos juntamente com os sujeitos, através da relação linguística e histórica. O sujeito é sujeito quando interpelado pela ideologia, para isso é necessária a ilusão (necessária) de que somos a origem do dizer e que o que dizemos possui apenas um significado, da mesma forma, a leitura é entendida como produzida nesse processo histórico-ideológico.

Orlandi, ao caracterizar a forma histórica do sujeito leitor na atualidade, buscou-se

[...] compreender a constituição de um perfil linguístico-histórico de um leitor atual brasileiro que se enquadra no que chamamos perfil “empresarial” (um leitor de quantidade, de resumos, com fins estritamente pragmáticos etc, que não “saboreia” a leitura). No confronto dessa imagem produzida para o leitor e a produzida pelo leitor, pudemos observar um sujeito se fazendo no movimento de entrega e resistência, trabalhando suas contradições, o que nos levou a reconhecer não uma forma de sujeito-leitor mas várias, como efeito de resistência ao perfil do leitor ideal (o empresarial, com sua leitura linear, superficial, de aparência e em quantidade). (ORLANDI, 2005, p. 61-62)

Pensando nessas várias formas e no efeito de resistência é que propomos através da discussão sobre a leitura compreender como a ideologia produz o efeito da evidência e como a leitura permite não só a interpelação da ideologia como também a produção dos sujeitos e dos sentidos em diferentes posições.

Partindo da noção de sujeito e de ideologia, buscando compreender a ideologia e o processo de leitura presentes no filme *V de Vingança* (2006), selecionamos dois momentos. No primeiro, V invade a sede da TV em Londres no dia 5 de novembro, feriado, quando todos estão em casa e outro trata-se da leitura da Carta de Valerie.

Para iniciarmos nossa análise, trazemos um resumo do filme. O filme *V de Vingança* (2006) foi baseado numa graphic novel homônima. Assim temos no filme um personagem que em alguns aspectos foge do tradicional herói, por exemplo, ele não hesita em matar em nenhum momento durante o filme. No início V salva Eve de homens que são representantes da lei e ela começa a fazer parte do plano dele. Assim, na história é apresentada uma Inglaterra futurística dominada por uma Ditadura, vamos percebendo no início como a população é controlada, e como a mídia, através dos canais e programas está em todo lugar como meio de controle, mostrando também como os aparelhos ideológicos (ALTHUSSER, 1985), como a Igreja, são usados para manter a ordem juntamente com o aparelho repressor que é a polícia. Assim, o personagem V – que usa uma máscara de Guy Fawkes – se vinga contra todos que detém o poder na Inglaterra. Anunciando num 5 de novembro essa vingança e chamando a população a luta, dali a um ano para se juntar a ele, durante esse tempo V elimina todos os responsáveis pelo regime totalitário e também pelas experiências feitas com ele anos antes.

2 V de Vingança: processos ideológicos

Ao analisar o filme, compreende-se a noção de intertextualidade em relação à leitura: para essa noção, um texto faz relação com outros textos, e o sujeito leitor deve ser capaz de fazer essas inferências para realizar o trabalho da leitura. Para a Análise de Discurso estaria aí caracterizada a relação de sentidos. Um discurso envia a outro. No caso do filme, este faz intertextualidade com 1984 de George Orwell publicado a primeira vez em 1949, ao falar de um futuro em que vigora um regime repressivo e quem vai se opõe é punido de forma rigorosa. Essa relação de sentidos permite compreender o texto como algo atual e amplo, por mais que seja a Inglaterra representada, poderia ser qualquer país, fazendo que com o espectador se identifique com as condições expressas pelo filme.

Para análise, reproduz-se abaixo uma fala presente o filme e ainda imagens da primeira cena

selecionada para este estudo:

“Boa Noite, Londres. Permitam que eu peça desculpas pela interrupção. Eu, como muitos de vocês, aprecio o conforto da rotina diária, a segurança familiar, a tranquilidade da repetição. Eu gosto delas como qualquer outro. Mas no espírito da comemoração, onde importantes eventos do passado geralmente associados à morte de alguém ou ao final de uma guerra sangrenta são comemorados com um belo feriado, eu pensei em marcar este 5 de novembro, um dia que infelizmente não é mais lembrado, tomando um pouco do tempo de suas vidas diárias para sentar e conversar. Existem, é claro, aqueles que não querem que falemos. Desconfio que ordens estejam sendo dadas e homens com armas já se põem a caminho. Por que? Porque enquanto a violência for usada no lugar do diálogo, palavras sempre terão seu poder. Palavras oferecem um meio para o significado e para aqueles que escutam a enunciação da verdade. E a verdade é que existe uma situação totalmente errada neste país. Não existe? Crueldade e injustiça. Intolerância e opressão. Onde um dia houve o direito de discordar, de pensar e falar como se desejasse, agora temos sensores e sistemas de vigilância forçando-nos a nos conformar solicitando nossa submissão. De quem é a culpa? Com certeza existem aqueles que são mais responsáveis do que os outros e eles vão ter que prestar contas. Mas verdade seja dita, se procuram por culpados só precisam se olhar no espelho. Eu sei por que fizeram isso, eu sei que têm medo, quem não teria? Guerra, terror, doenças, havia uma miríade de problemas que conspiraram para corromper a razão de vocês e tirar de vocês o bom senso. O medo guiou suas ações e em seu pânico vocês confiaram no Alto Chanceler Adam Sutler. Ele lhes prometeu ordem; ele lhes prometeu paz; e tudo o que ele exigiu em troca foi consentimento silencioso e obediente. Ontem à noite eu tentei romper este silêncio. Ontem à noite eu destruí o Old Bailey para fazer este país lembrar de tudo o que ele se esqueceu. Há mais de 400 anos um grande cidadão desejou marcar o 5 de novembro, em nossas memórias, ele quis lembrar ao mundo que igualdade, justiça e liberdade são mais do que palavras, são perspectivas. Se vocês não veem nada; se os crimes deste governo ainda lhe são desconhecidos; eu sugiro que deixe o 5 de novembro passar em branco. Mas se vocês veem o que eu vejo; se sentem o que eu sinto e se buscam o que eu busco, então peço que fiquem junto a mim, daqui a um ano, no lado de fora do parlamento e juntos daremos a eles um 5 de novembro que nunca se esquecerão!”

Enquanto V expõe sua fala, imagens vão mostrando as pessoas em casa devido ao feriado de cinco de novembro, tem-se as pessoas em frente à TV, mostrando como a mídia é um meio atingir as pessoas, ou seja, a TV possui uma “[...] capacidade de circulação em meio a uma grande massa heterogênea de sujeitos”. (ORLANDI, 2005, p. 179), permitindo que através desta o Estado tenha controle e produza uma sociedade submissa, pois até as notícias, os programas são escolhidos pelo mesmo, e os sujeitos não têm muita escolha do que ver sendo que há apenas um canal.





Fig. 1: Imagem recortada do filme V de Vingança

Fig. 2: Imagem recortada do filme V de Vingança

A constituição do sujeito em V de Vingança passa pelo processo de identificação do interlocutor do filme (o telespectador) com o personagem principal. V é constituído nessa interação, ao chamar a atenção de todos, chama a nossa atenção para os problemas sociais, para o sistema de opressão, para coisas que desejamos fazer, mas somos barrados pelo sistema.

Ao usar o próprio meio de comunicação; que no filme serve para mostrar a submissão, o modo como o povo é mantido na linha; é usado para quebrar, romper esse processo de submissão, ou seja, o ato de submissão propicia o ato de resistência. Pois, tanto a fala de V quanto as imagens mostradas significam essa contradição material da submissão – por parte da família que assiste ao programa escolhido pelo governo, na Figura 2, a família representa milhões de pessoas que no feriado estão juntos na frente da TV – e da resistência do sujeito – com V assumindo a fala através do próprio meio de comunicação: usado para oprimir, submeter – isso produz novos sentidos, deslocamentos devido essa imbricação material entre o verbal e o não verbal, pois estas materialidades não se complementam.

Quando V fala estende a sua voz muito além das pessoas no filme, ultrapassa a tela e atinge o interlocutor do filme, é nessa relação que o sujeito se constitui, no reconhecimento como seu interlocutor, o que propicia isso, além da fala são fatores como não haver uma face para o personagem, podendo ser qualquer um incluindo eu, telespectador, quando não sabemos o que o levou a prisão, permitindo que cada interlocutor faça relação com o seu cotidiano, seu dia a dia.

Veja no início da fala, como ele marca bem essa relação e esse processo de identificação:

Boa Noite, Londres. Permitam que eu peça desculpas pela interrupção. Eu, como muitos de vocês, aprecio o conforto da rotina diária, a segurança familiar, a tranquilidade da repetição. Eu gosto delas como qualquer outro.

Mas ao mesmo tempo que busca identificação com o seu interlocutor, produz sentidos de ironia chamando a atenção para as palavras “rotina”, “repetição”, não como algo ruim, mas como algo perigoso em excesso, na acomodação. E assim ele começa a chamar a população à luta.

A censura é mostrada através do silenciamento em que todos se colocam, devido a opressão. Segundo Orlandi (2007a), o silenciamento ou política do silêncio se subdivide em: silêncio constitutivo em que uma palavra apaga necessariamente outras palavras, e o silêncio local, que se refere à censura, como é caso do filme analisado:

Existem, é claro, aqueles que não querem que falemos. Desconfio que ordens estejam sendo dadas e homens com armas já se ponham a caminho. Por que? Porque enquanto a violência for usada no lugar do diálogo, palavras sempre terão seu poder. Palavras oferecem um meio para o significado e para aqueles que escutam a enunciação da verdade.

V mostra que a palavra é poder, por isso, o regime totalitário busca o silenciamento, não somente de dar voz e vez para o povo, mas através da proibição de outras maneiras de se significar como a música, a religião (a religião muçulmana é proibida), a sexualidade (os homossexuais são considerados seres “degenerados”, ou seja, tudo que considerem como algo que rompem pela ordem pelo Chanceler e seu regime estabelecido.

A fala de V mostra que os sentidos são constituídos mutuamente com os sujeitos através da interpelação deste pela ideologia, essa se esbarra no efeito da evidência, que surge através do uso e do hábito (PÊCHEUX, 2009), desse modo, o “[...] consentimento silencioso e obediente” se dá pelo efeito de evidência, pela ideologia.

Mas quando a ideologia começa a ser questionada, as “armas” projetam sentidos em relação a opressão pelo uso da força, não da ideologia, se não há obediência, o uso da força é necessário para manter a dominação. Como podemos observar na formulação a seguir:

E a verdade é que existe uma situação totalmente errada neste país. Não existe? Crueldade e injustiça. Intolerância e opressão. Onde um dia houve o direito de discordar, de pensar e falar como se desejasse, agora temos sensores e sistemas de vigilância forçando-nos a nos conformar solicitando nossa submissão.

Ainda sobre o processo de identificação, o que temos é a relação com o espelho:

De quem é a culpa? Com certeza existem aqueles que são mais responsáveis do que os outros e eles vão ter que prestar contas. Mas verdade seja dita, se procuram por culpados só precisam se olhar no espelho. Eu sei por que fizeram isso, eu sei que têm medo, quem não teria? Guerra, terror, doenças, havia uma miríade de problemas que conspiraram para corromper a razão de vocês e tirar de vocês o bom senso. O medo guiou suas ações e em seu pânico vocês confiaram no Alto Chanceler Adam Sutler. Ele lhes prometeu ordem; ele lhes prometeu paz; e tudo o que ele exigiu em troca foi consentimento silencioso e obediente.

Esse processo de olhar no espelho, faz com que haja reflexão sobre nossas ações, e de que modo a opressão pode nos limitar e até que ponto nos deixamos limitar.

Do mesmo o personagem V chama a atenção da população para a mudança, mostrando que “[...] igualdade, justiça e liberdade são mais do que palavras, são perspectivas”. O que o sujeito busca é ir além de um sentido já estabelecido, já construído, produzindo deslocamentos, e assim, o personagem termina afirmando que se quiserem manter os olhos fechados, se manterem no efeito da evidência devem esquecer o cinco de novembro, e pelo processo das formações imaginárias, buscando identificação, através da fala:

“Mas se vocês veem o que eu vejo; se sentem o que eu sinto e se buscam o que eu busco, então peço que fiquem junto a mim”, essa interpelação busca identificação com o interlocutor, buscando o efeito-leitor de modo que o ouvinte possa se signifique dentro de uma mesma formação discursiva. O que lhe atribui esta evidência é, na verdade, o fato de que não há sentido sem interpretação e a interpretação é um gesto do sujeito carregada pela ideologia, que torna evidente o que na realidade se produz por complexas relações entre sujeitos, língua e história, resultando em diferentes formações discursivas (ORLANDI, 2012, p. 153).

3 Leitura: condições de produção e processo de identificação

A segunda cena recortada trata-se do momento em que Eve ao ser capturada, torturada e encarcerada, encontra em sua cela uma pequena carta escrita em papel higiênico. Essa cena traz a leitura enquanto um processo de identificação, as condições de produção interpelam o sujeito-leitor, Eve naquele momento encontra naquelas palavras um refúgio, um meio de escape daquele horror que acontece e assim, nessas condições, a leitura ocorre.

Portanto, “[...] considerar as condições de produção da leitura é trabalhar fundamentalmente com essa espécie de indeterminação: a incompletude do texto”. (ORLANDI, 2009, p. 195). Essa incompletude permite que um mesmo texto possa ser lido em diferentes momentos produzindo diferentes efeitos de sentido, como também os mesmos sentidos dependendo da situação da leitura.

Levando isso em consideração, tomamos o texto como “[...] processo de significação, lugar de sentidos”. (ORLANDI, 2009, p. 196). Mas que necessita de uma totalidade com começo, meio e fim. Assim, ao realizar a leitura o leitor se insere numa rede de formulações ditas anteriormente em outro lugar para pode significar, silenciando essa constituição, e colocando em evidência o momento da formulação; quando ele significa, compreende, interpreta um texto, está significando dentro de uma rede de filiações de já-ditos produzindo outros sentidos.

No trecho selecionado temos a leitura em um momento de tortura, repressão, sofrimento, essas condições de produção permitem que o sujeito se identifique com a personagem Valerie e sua história. Ou seja, se fosse outro momento, outras condições do sujeito leitor outros sentidos seriam produzidos, mas o leitor divide a mesma experiência com a personagem da história, se identificando e se produzindo efeitos de consolo, de força e de resistência. Ou seja, o efeito-leitor se constitui nessas condições “[...] a partir da materialidade mesma do texto em sua relação com a discursividade e os diferentes gestos de interpretação que aí se dão”. (ORLANDI, 2005, p. 62).

“Sei que não há como convencê-lo de que isto não é um truque mas não faz mal. Sou eu. Meu nome é Valerie. Não creio que viverei muito tempo e quero falar sobre a minha vida. Esta é a única biografia que eu vou escrever e faço isso em papel higiênico. Nasci em Nottingham, em 1985. Não me lembro muito da infância, mas eu me lembro da chuva. Minha avó tinha uma fazenda e ela dizia que Deus estava na chuva. Fui aprovada no exame para o curso secundário. Na escola, conheci minha primeira namorada. Seu nome era Sarah. Foram seus pulsos. Eles eram lindos. Achei que nos amaríamos para sempre. O professor dizia que era uma fase da adolescência que superaríamos. A Sarah superou. Eu não superei. Em 2002, eu me apaixonei por uma garota chamada Christina. Naquele ano, contei aos meu pais. Não poderia ter feito isso sem a Chris segurando minha mão. Meu pai não olhou para mim. Disse-me para ir embora e nunca mais voltar. Minha mãe não falou nada. Mas eu só contei a verdade a eles. Isso foi egoísmo demais? Nossa integridade vale tão pouco, mas é tudo o que temos. É o mais importante em nós. Mantendo nossa integridade, somos livres. Sempre soube o que queria da vida. Em 2015, eu estreei meu primeiro filme, As Dunas de Sal. Foi o papel mais importante da minha vida, não pela carreira, mas porque assim conheci a Ruth. Na primeira vez em que nos beijamos, eu soube que nunca mais iria querer beijar outros lábios. Nós nos mudamos para um apartamento em Londres. Ela plantou Scarlet Carsons para mim na janela e nosso apartamento sempre cheirava a rosas. Foram os melhores anos da minha vida. Mas a guerra dos EUA foi piorando e, no fim, chegou a Londres. Depois disso, não havia mais rosas... Não para todos. O significado das palavras começou a mudar. Palavras como "colateral" e "rendição" inspiravam medo... Enquanto ganhavam força "Nórdica Chama" e "Artigos de Submissão". Lembro-me de como "diferente" virou "perigoso". Ainda não entendo por que nos odeiam tanto. Eles levaram a Ruth enquanto ela comprava comida. Nunca chorei tanto na minha vida. Não demorou para virem me buscar. Parece estranho terminar a vida em um lugar tão horrível... Mas durante três anos eu tive rosas e não pedi desculpas a ninguém. Eu morrerrei aqui. Cada pedacinho do meu ser perecerá. Cada pedacinho... Menos um. O da integridade. É pequeno e frágil... E é a única coisa que vale a pena ter. Nós jamais devemos perdê-lo. Nem deixar que o tomem

de nós. Espero que, quem quer que você seja, escape daqui. Espero que o mundo mude e a vida fique melhor. Mas o que mais quero é que entenda a minha mensagem... Quando falo que mesmo sem conhecer você... E mesmo que talvez jamais conheça você... Ria com você, chore com você... Ou beije você... Eu amo você. De todo o coração... Eu amo você. Valerie”

O processo de identificação e autoria ocorre quando Valerie expõe: “Sei que não há como convencê-lo de que isto não é um truque mas não faz mal”. Valerie antecipa a reação do leitor, em não acreditar no que está ali escrito. Mas mesmo assim ela deseja contar a sua história. Esse processo de antecipação permite que as formações imaginárias se encontrem, ou seja, o sujeito-autor busca a sua própria identidade ao imaginar o outro, o leitor do seu texto, como alguém que passa pela mesma situação.

Assim, Valerie nos narra sua vida, os preconceitos que enfrentou por ser homossexual, o encontro com seu amor verdadeiro, e ainda fala sobre a Guerra: “Mas a guerra dos EUA foi piorando e, no fim, chegou a Londres. Depois disso, não havia mais rosas... Não para todos”. A falta das rosas marca o momento da opressão, do medo, da liberdade e da mudança para o regime ditatorial. E ainda dos marginalizados, pois o “não para todos”, mostra a segregação que ocorre através do preconceito contra os muçulmanos, os homossexuais, os emigrantes etc.

Isso é representado pela mudança de significado das palavras: “O significado das palavras começou a mudar. Palavras como ‘colateral’ e ‘rendição’ inspiravam medo... Enquanto ganhavam força ‘Nórdica Chama’ e ‘Artigos de Submissão’. Lembro-me de como ‘diferente’ virou ‘perigoso’”. Esse deslocamento da palavra “diferente” para “perigoso” marca essa estrutura social repressora em que as pessoas que não se encaixavam, não seguiam as mesmas regras eram consideradas à margem.

Com esses sentidos construídos, ocorre o processo de identificação do sujeito-leitor com o sujeito-autor devido à situação de ambas as personagens, permitindo o encontro entre o leitor virtual e o leitor real, como é mostrado com as cenas abaixo:

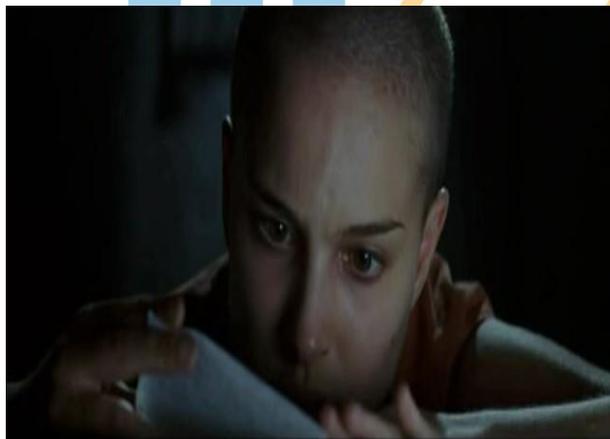


Fig. 3: Imagem recortada do filme V de Vingança

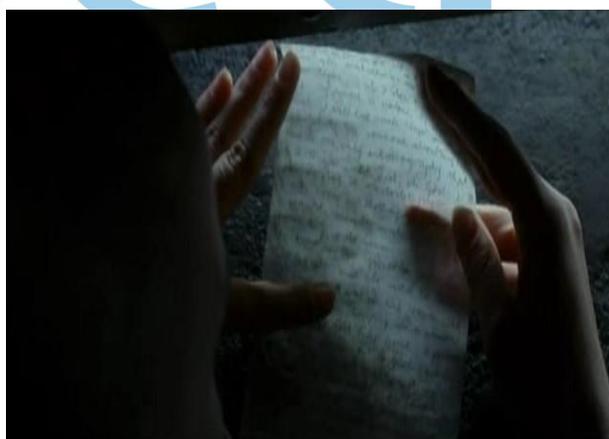


Fig. 4: Imagem recortada do filme V de Vingança



Fig. 5: Imagem recortada do filme V de Vingança

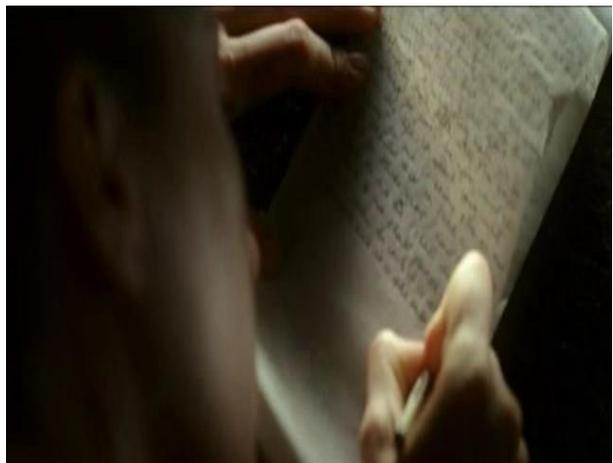


Fig. 6: Imagem recortada do filme V de Vingança

As condições de produção remetem a um sistema repressor, a uma Ditadura, que, por mais que seja em momentos diferentes, situações – que as levaram aquele momento – também diferentes, é no momento da leitura que as personagens se encontram produzindo efeitos em relação ao sistema opressor.

Por isso, nas figuras 3 e 4 tem-se a imagem de Eve ao ler a carta de Valerie. Observa-se como as figuras 5 e 6 (Valerie escrevendo a carta) seguem o mesmo esquema, mudando a posição dos papéis, ambos autor e leitor em situações semelhantes se encontram, se identificam, se reconhecem e se significam. Entre a imagem 3 e 5, o olhar muda, em Eve produz efeito de segurança, de identificação, reconhecimento, enquanto Valerie, apresenta um desespero, e, ao mesmo tempo, força para conseguir terminar aquela escrita, pois percebemos o quanto está ferida, doente e, portanto, próxima à morte, mesmo assim vê na escrita uma forma de manter a esperança, esperança de sua história ser contada, de que o mundo possa ter mudado, e se não, de poder dar alento a outra pessoa: “Espero que o mundo mude e a vida fique melhor. Mas o que mais quero é que entenda a minha mensagem... Quando falo que mesmo sem conhecer você... E mesmo que talvez jamais conheça você... Ria com você, chore com você... Ou beije você... Eu amo você. De todo o coração...”, isso também é reafirmado nas figuras 5 e 6, pois o processo de produção da escrita e da leitura se complementam, Valerie expõe naquele pequeno papel a sua esperança, a sua força e Eve sente aquela força, aquela esperança.

A escrita possui aí um papel fundamental, produz efeito de liberdade, de resistência, pois é através daquele pequeno papel que Valerie expõe sua voz, é ouvida e isso produz efeito de mudança na vida de outrem, na vida de Eve.

Assim, na voz de Valerie, Eve encontra forças para resistir e não denunciar V – o que era solicitado pelo seu torturador –, e ainda enfrentar aquele momento de uma outra forma, com integridade: palavra que Valerie ressalta, como algo que ninguém deva perder. Essa associação, a ação de tortura produz uma mudança na personagem, que deixa de ser a garota ingênua, interpelada por uma sociedade totalmente submissa, para alguém forte, que resiste, pode-se dizer que nesse momento há a morte daquela garota submissa para alguém que revide. Isso é representado nas imagens abaixo:



Fig. 7: Imagem recortada do filme V de Vingança

Fig. 8 Imagem recortada do filme V de Vingança

Vemos Eve na chuva erguendo os braços aos céus, pois relembra Valerie: “Não me lembro muito da infância, mas eu me lembro da chuva. Minha avó tinha uma fazenda e ela dizia que Deus estava na chuva”, é um momento de encontro consigo, com a nova pessoa que se tornou. A chuva, a tempestade também significa essa mudança, esse renascimento. Isso é também afirmado em outra cena quando Eve conta a V que encontrou uma amiga em um mercado e a mesma não a reconheceu, essa mudança não se deu apenas por dentro, pelas ideias e ideais mas refletiu no exterior também. Tornou-se outra pessoa.

Conclusão

A leitura é compreendida como produção, são nas condições de produção, da relação dos sujeitos e sentidos que se realiza, ou seja, é efeito entre os interlocutores. Assim, tanto na fala de V quanto na carta de Valerie temos um processo de identificação em que sujeitos e sentidos se constituem nessa relação.

Assim, ao final do filme não sabemos como é o rosto de V, quem está por traz da máscara, isso produz um efeito de identificação que alcança o excluído, o deixado de lado, o que deseja mudanças. Sem a face do personagem esses ecos perduram e os efeitos circulam.

Enfim, toda a constituição da produção cinematográfica contribuiu para essa interpelação em sujeito, vimos que na imbricação entre diferentes materialidades os sentidos foram constituídos permitindo que o deslize, o deslocamento, a ruptura se produza através da resistência do sujeito leitor com o sujeito autor, que se significaram e produziram seus efeitos, tanto do leitor Eve, quanto do leitor/espectador do filme que também é constituído por esta imbricação material, (re) significando na relação sujeito, história e ideologia.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo da memória. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.) **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. 1 ed. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 67-78

ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. “Os efeitos de Leitura na Relação Discurso/Texto”. In: _____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 59-71.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7ª ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2007.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007a.

_____. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi (et al.). 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

i **Fernanda Surubi FERNANDES**. Profa. Mestra em Linguística. Universidade Estadual de Goiás (UEG). Campus São Miguel do Araguaia. Departamento de Letras. E-mail: fernandasurubi@gmail.com